

## A mesa com Tatarana

a alimentação como marca da memória em *Grande Sertão: Veredas*

Aline Macedo Silva Araújo<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo propõe a análise de alguns fragmentos da obra *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa, a partir dos códigos relacionados, na narrativa, à alimentação e à comensalidade, com o fito de desvelar seu valor simbólico intrínseco, observando como as práticas alimentares foram empregadas por Rosa, tanto para a construção do arca-bouço romanesco, como para a constituição do processo social e da figura do jagunço. Acreditamos que as referências à alimentação, às preparações, aos utensílios de cozinha e aos ritos de comensalidade atuam como “gatilho” de memória na narrativa de Riobaldo, já que, além de atuar como meio para a memória intratextual (pois aciona lembranças), é também meio da memória coletiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guimarães Rosa; alimentação; literatura; memória; *Grande Sertão: Veredas*.

**AT THE TABLE WITH TATARANA: FOOD AS A TRACE OF MEMORY IN *THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS***

**ABSTRACT:** The main goal of this paper is to analyse some fragments of the novel *The Devil to Pay in the Backlands* (1956) by Guimarães Rosa, taking as a starting point codes, so to speak, related to the food and commensality in the author's narrative in order to perceive their symbolic value observing how food practices were used by Rosa, both for the construction of the novel's framework and for the constitution of the social process and the figure of the jagunço. We believe that the references to food, preparation, cooking utensils, and commensal rites act as what we would call a “trigger” of memory in Riobaldo's narrative since – in addition to acting as a sort of intra-textual memory medium in the novel (because it triggers memories) – it also acts as a medium of collective memory.

**KEYWORDS:** Guimarães Rosa; Food; Nourishment; Literature; Memory; *The Devil to Pay in the Backlands*.

*Um chamado João*

*João era fabulista?*

*Fabuloso?*

*Fábula?*

*Sertão místico disparando*

*No exílio da linguagem comum?*

(Carlos Drummond de Andrade)<sup>2</sup>

Ainda que vários críticos tenham inserido o autor mineiro na mesma tradição de Simões Lopes Neto, de José Lins do Rego ou mesmo de Graciliano Ramos, a fábula, o fabuloso, a linguagem roseana transmutam o homem e o sertão em matéria universal. Esses atributos fazem de Rosa, em sua singularidade, um dos autores mais importantes da literatura brasileira, por isso é o não-lugar de sua literatura, tão esquivada a classificações, que, ironicamente, dá lugar a ela, como talvez ocorra a autores fundamentais da tradição literária.

*Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa, é considerado um “romance difícil e labiríntico” (BOLLE, 2007, p.7), no qual se concentram poderosamente personagens, temáticas, estilo e estratégias narrativas já exercitadas por Guimarães Rosa em outras obras, como *Sagarana* (1946) e *Corpo de Baile* (1956). O Sertão-Mundo de Rosa potencializa não só as

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem Universidade Federal de Ouro Preto. Gastrônoma pelo Instituto Federal de Minas Gerais. Contato: [alinesilvaraujo@yahoo.com.br](mailto:alinesilvaraujo@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Primeira estrofe de “Um chamado João”, de Drummond, publicado no *Correio da Manhã*, em 22 de novembro de 1967, três dias após o falecimento de Rosa.

possibilidades de interpretação do romance em questão, mas, principalmente, abre largo leque de estudo, campo aberto, portanto, para pesquisas de natureza interdisciplinar.

A memória pode ser considerada uma das linhas de força do romance – entendida, talvez, na qualidade de verdadeiro elemento estruturante –, já que a narrativa se constrói ao longo da memória encetada por Riobaldo acerca de seu passado em meio à jagunçagem; nela, o narrador, já na velhice, conta sua vida a um “doutor da cidade” que é recebido pelo ex-jagunço em sua propriedade, o São Gregório. A narrativa riobaldiana constitui-se em um resgate de si, momento em que a personagem revive o passado com relativo distanciamento.

Guimarães Rosa simula a desordem real do funcionamento da memória a partir da narrativa de si: a memória descontínua de Riobaldo, em um movimento digno de um labirinto, atravessa diversos momentos e episódios de sua vida de maneira pouco linear (pelo menos na primeira parte do romance, que termina com a cena nas Veredas Mortas), sem que tenham, portanto, uma cronologia rigorosa. Guimarães também apresenta e recria poeticamente as memórias de juventude de Riobaldo, tendo como base referências extraliterárias. Ilustrando as funções, processos e problemas da memória mediante a ficção, estratégia que acomoda a revisitação do passado em uma forma apreensível esteticamente, o autor tematiza a recordação por meio do que alguns críticos chamam de “*mimesis* da memória”<sup>3</sup>.

Podemos observar que *GS:V* também possui um caráter político, pois o romance confere focalização àqueles despossuídos de voz: loucos, jagunços, índios, crianças. Pela primeira vez, tais personagens e ícones do sertão falam sem a mediação de um narrador que arrebathe a fala desses personagens, muito embora não deixe de referir e prestar contas à literatura ocidental culta, aspecto que, a propósito, contribui para a vocação universal do romance. Ato político, a fala roseana é o falar daqueles que eram meros acessórios do narrador hegemônico. Ora, o doutor agora só escuta a narrativa de Riobaldo, o doutor é silenciado pelo sertão. João Adolfo Hansen, ao abordar a voz de Riobaldo, afirma que sua enunciação, além de teatralizar vários usos linguísticos contraditórios de um mesmo sistema semiótico, também teatraliza vários imaginários do Brasil sobre o sertão (HANSEN, 2000, p.192). A figura de Riobaldo, por um lado, é inverossímil, pois pela boca do jagunço saem discussões da cultura tida como culta a partir de um vocabulário contraditório de regionalismos da bacia do São Francisco e dos Gerais; ao mesmo tempo, termos extremamente cultos, que, da perspectiva da verossimilhança interna do romance, constroem-se pela vida pregressa e pelas leituras ainda constantes de Riobaldo, que, antes da jagunçagem, frequenta a escola de Mestre Lucas em Curralinho, em seus rudimentos de cultura letrada que, apesar da condição de “semiletragem”, não impedem que assuma a função de professor de Zé Bebelo.

Como afirma Hansen, Rosa supervaloriza a experiência do homem sertanejo do Brasil interior, toma-o como matéria e desmonta-lhe o imaginário – tanto o sertanejo quanto as falas produzidas sobre ele (HANSEN, 2000, p.34). Desconstrói o simbólico consolidado no

<sup>3</sup> A expressão “*mimesis* da memória” é empregada por alguns críticos para se referir a todas as formas de representação da memória (individual e coletiva) em textos literários. Nesse sentido, o aparato mimético da memória, de sua rememoração, implica imediatamente na ideia de memória mediada pela ficção, pelo *poiein* característico da literatura. Para Birgit Neumann, a expressão remete diretamente ao processo de rememoração e de resgate do passado, presente nas ficções da memória: nessa categoria de narrativa, há a combinação do real e do imaginário, “o lembrado e o esquecido”, (re)apresentando o passado em perspectiva nova, de modo que, reorganizando a experiência pela narrativa, “influenciam a compreensão dos leitores acerca do passado e, então, reconfiguram culturalmente as versões da memória” (Cf. Neumann, 2005, p. 334-335).

mitológico com os personagens desqualificados e com o imaginário acumulado sobre o sertão e o povo sertanejo:

O sertão não é natureza como tanta vez a ficção romântica ou naturalista quis fazer crer, mas meramente um diverso cultural dotado de historicidade própria, cujos códigos passam por fora da cultura ilustrada, ainda que sejam determináveis a partir dela, no que se revela antropólogo em tempos etnocêntricos. (HANSEN, 2000, p.35)

O mosaico de imagens criados por Rosa permite-nos, pois, tomar como objeto de pesquisa tanto a narrativa, como os aspectos culturais e antropológicos, como a alimentação e a comensalidade, compreendendo-as em sua contribuição ao aparato simbólico do romance e, também, ao modo como o autor ficcionaliza a memória coletiva do povo sertanejo e representa o processo social de formação do Brasil, aproximando-se, em certo sentido, da prática de viajantes naturalistas do século XIX, como Spix e von Martius, Peter Lund, Debret e Saint-Hilaire, na tentativa de, por meio da narrativa, apreender a “cor local”.

Birgit Neumann, elaborando a relação entre memória e literatura, observa que a ficção projeta formas de nos relacionarmos com o passado – elo que, aqui, buscamos estabelecer, ainda que rapidamente, no breve esboço acerca dos alimentos e práticas de comensalidade em *Grande Sertão: Veredas*:

Assim, longe de se limitar a perpetuar memórias culturalmente pré-existentes, as memórias ficcionais têm um papel considerável para reforçar novos conceitos de memória. A literatura torna-se um meio de formação dentro da cultura de memória que, na função das características específicas do símbolo, pode cumprir funções específicas, funções que não podem ser atendidas por outros sistemas de símbolos. Assim, podemos concluir que o estudo das narrativas ficcionais não só é casado com modos de vida particulares, mas se transforma em um laboratório no qual podemos experimentar as possibilidades de construções culturalmente admissíveis do passado. (NEUMANN, 2005, p.341)

Nesse sentido, na narrativa, a paisagem, os hábitos alimentares e as características do povo sertanejo não se configuram como dados meramente secundários, mas como elementos essenciais para a construção da rememoração na narrativa de Riobaldo e da construção de um quadro social do sertão mineiro no primeiro quartel do século XX. Assim, se é verdade que o livro extrapola as fronteiras do Regionalismo, também é verdade que ultrapassa o campo específico dos estudos da linguagem, ampliando enormemente as possibilidades de pesquisa: à linguagem e aos estudos literários, podem somar-se, na análise de *GS:V*, contribuições aos estudos da memória, bem como estudos de ordem antropológica, histórica, etnográfica e social.

## A alimentação e a memória coletiva

Claude Lévi-Strauss, em *Antropologia Estrutural* (1958), observa que, em dada sociedade, “no sistema de parentesco, na ideologia política, na mitologia, no ritual, na arte, no ‘código’ de boas maneiras e – por que não? – na culinária”, é possível encontrar as mesmas estruturas que um linguista pode atingir – pois são igualmente “objetos empíricos” –, como a estrutura fonológica ou gramatical de uma língua, bem como sua estruturação léxica ou mesmo discursiva (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.98). Anos depois, no primeiro volume das célebres *Mitológicas*, em *O cru e o cozido* (1964), o antropólogo tece, de maneira mais sistemática, evidente analogia entre linguagem e comida, ao estudar a última a partir da função comunicativa e semiótica que contém, salientando seu caráter enquanto linguagem – código complexo, pleno de signos – e instrumento fundamental para a compreensão dos mecanismos da sociedade na qual se insere<sup>4</sup>.

Na esteira de Lévi-Strauss, antropólogos e historiadores da cultura, sobretudo da alimentação, estabeleceram relação estreita entre comida e código linguístico, na medida em que o alimento, seu preparo e os modos de consumo não se constituíam fatos aleatórios, mas determinados por uma verdadeira “gramática”, capaz de interferir diretamente nos modos de significação<sup>5</sup>.

Na história da arte Ocidental podemos observar a função comunicativa do alimento e de seus ritos. É inegável a relação das artes com a alimentação, e, ainda que esse estudo seja tímido, a alimentação excede a necessidade fisiológica dos homens, exercendo um papel essencial em nossa cultura. As investigações sobre a comida e sua história se fazem essenciais para se constituir uma verdadeira historiografia do alimento.

A representação da alimentação cotidiana está presente desde a arte do antigo Egito; na civilização greco-romana a alimentação e as situações de comensalidade são temas artísticos abundantes nos afrescos, na estatuária, bem como na literatura. O Banquete de Trimalquião, célebre episódio (e o mais longo de todos) do *Satíricon*, atribuído a Petrônio, e os pratos e iguarias retratados pelo poeta Marcial ao descrever as “prendas” alimentares oferecidas (*Xênia*) aos convidados dos banquetes nas Saturnais – festividade dedicada a Saturno – fornecem um amplo e rico panorama da cultura material e alimentar daquele período (Cf. Agnolon, 2017, p. 299). A alimentação é, pois, parte fundamental do conjunto imenso de signos que compõem o imaginário de uma cultura:

Alimentarmo-nos representa muito mais do que uma atividade fisiológica essencial à vida, é um ato de incontestável dimensão cultural: os alimentos carregam significados,

<sup>4</sup> O antropólogo afirma: “cozinham-se indivíduos intensamente engajados num processo biológico – recém-nascido, parturiente, menina púbere. A conjunção de um membro do grupo social com a natureza deve ser mediatizada pela intervenção do fogo de cozinha, normalmente encarregado de mediatizar a conjunção do produto cru com o consumidor humano, e por cuja operação um ser natural é, ao mesmo tempo, *cozido e socializado*” (LÉVI-STRAUSS, 2010, p.380).

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, Montanari: “Em todas as sociedades, o modo de comer é regrado por convenções análogas àquelas que dão sentido e estabilidade às linguagens verbais. Esse conjunto de convenções, que chamamos de “gramática”, configura o sistema alimentar não como uma simples soma de produtos e comidas, reunidos de modo mais ou menos causal, mas como uma estrutura na qual cada elemento define o seu significado.” (2008, p. 165).

são portadores de imagens simbólicas, representam comportamentos coletivamente imaginados que permitem entender a alimentação como uma verdadeira linguagem. São, se quisermos utilizar um conceito barthesiano, uma função signo complexa, cuja funcionalidade – permitir a vida do ser humano – remete para outros significados secundários, estratificadamente sobrepostos. (PEIXINHO, 2016, p.200)

Acreditamos que as abundantes referências à alimentação, às preparações, aos utensílios de cozinha e aos ritos de comensalidade atuam como um dos “gatilhos” de memória na narrativa de Riobaldo. A comida, além de atuar como uma espécie de meio para a memória intratextual (pois aciona lembranças), é também expressão da memória coletiva, dizendo muito sobre o patrimônio alimentar, constituição dos hábitos, estruturas e processo social, formação da figura do jagunço e do sertão. Assim, a comida exerce uma função comunicativa, pois se relaciona diretamente à identidade e à memória de uma comunidade.

Os estudos da memória coletiva em sua dimensão social tiveram Halbwachs como um de seus principais representantes em meados do século XX. Essa elevação da memória ao estatuto de quadros sociais foi um grande avanço, pois a mesma era vista ora como ferramenta mnemônica, ora somente em sua dimensão individual. Apesar da contribuição aos estudos da memória, Halbwachs desconsiderava as tensões entre as dimensões individuais e coletivas da memória; segundo ele, o indivíduo sempre está submetido ao pensamento coletivo:

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios. (HALBWACHS, 2004, p.55)

O autor subordina toda a manifestação da memória individual à coletiva, ou seja, não há tensões entre essas duas dimensões da memória, a memória do sujeito seria meramente responsiva à comunidade, constituindo-se como simples tentáculo (ou ramo) da memória coletiva. Mesmo assim, é inegável suas contribuições para uma nova teorização da memória na contemporaneidade<sup>6</sup>, fundamental para compreender as ideias do historiador Pierre Nora, que estabeleceu estreito diálogo com seu antecessor ao elaborar o conceito *Les Lieux de Mémoire* (1984); ademais, é a partir dele que Michael Pollak (1989) constrói seu conceito de memória social.

Nora, influenciado também pela teoria dos fatos sociais de Durkheim, desenvolve seu conceito a partir da ideia dos lugares com funções (material, funcional ou simbólicas). Tais lugares vão além dos monumentos, podendo ser tradições – como as culinárias, por exemplo – ou regras de interação social que atuam como indicadores da memória coletiva. Nora também se baseia na distinção entre a memória e a história – a história como uma reconstrução do que não possuímos mais e do início da historiografia como uma ruptura com a memória. Para ele, com o fim da memória, só sobrevivem os “lugares de memória”:

<sup>6</sup> Outros autores partiram das ideias de Halbwachs reformulando-as e demonstrando a fragilidade do conceito e dissociação radical entre memória e história, como Michael Pollak, Aleida Assmann, Jan Assmann e Paul Ricoeur.

[...] a memória, com efeito, só conheceu duas formas de legitimidade: histórica ou literária. Elas foram, aliás, exercidas paralelamente mas, até hoje, separadamente. A fronteira hoje desaparece e sobre a morte quase simultânea da história-memória e da história-ficção, nasce um tipo de história que deve seu prestígio e sua legitimidade à sua nova relação com o passado, um outro passado. A história é nosso imaginário de substituição. Renascimento do romance histórico, moda do documento personalizado, revitalização literária do drama histórico, sucesso da narrativa de história oral, como seriam explicados senão como a etapa da ficção enfraquecida? O interesse pelos lugares onde se ancora, se condensa e se exprime o capital esgotado de nossa memória coletiva ressalta dessa sensibilidade. História, profundidade de uma época arrancada de sua profundidade, romance verdadeiro de uma época sem romance verdadeiro. Memória, promovida ao centro da história: é o luto manifesto da literatura. (NORA, 1993, p. 28)

A passagem de Nora é muito representativa de duas etapas importantes e complementares entre si. As fases do desenvolvimento das narrativas históricas conheceram mudanças associadas à hierarquização do discurso dominante acerca do passado; de um lado, a prerrogativa da história, que tem no século XIX sua consolidação disciplinar em que o documento, entendido como prova histórica, passa a ter valor de verdade, de recuperação e integração do passado; de outro, a “história-ficção”, que tomava como modelo a disciplina e, por isso, a ela subordinada. No entanto, mesmo no contexto de relativização de ambos os discursos, não deixa o passado de ser recuperação parcial, metonímia de um tempo irrecuperável cujo imaginário assume funções análogas em termos de autoridade aos antigos discursos hegemônicos que tinham o passado como foco.

A aproximação entre a literatura e a memória cultural também foi destacada por diversos outros intelectuais do século XX, como Bakhtin. Para ele, “o processo literário é inalienável do processo cultural” (BAKHTIN, 2003, p.376) e anda de mãos dadas com o romance, considerado narrativa de elucidação da problemática da modernidade; como no romance, a memória coletiva tem raízes fundamentadas nas relações entre vida individual e coletiva. Para o pensador russo, a pluralidade de línguas e de vozes assimiladas pelo romance desde sua formação inicial foi fundamental para o seu desenvolvimento ao longo dos séculos. Seu conceito de *cronotopo* também pode ser relacionado à memória cultural, pois diz respeito às relações espaço-tempo que dão unidade ao gênero:

A palavra romanesca teve uma longa pré-história que se perde nas profundezas dos séculos e dos milênios. Ela se formou e amadureceu nos gêneros do discurso familiar ainda pouco estudados, da linguagem popular falada, e do mesmo modo em alguns gêneros literários e folclóricos inferiores. No seu processo de surgimento e desenvolvimento inicial a palavra romanesca refletiu a antiga luta de tribos, povos, culturas e línguas, ela era uma ressonância completa dessa luta. (BAKHTIN, 1990, p.371)

Além da memória intratextual abordada por meio da estética do autor, a obra de Guimarães atua também como dispositivo da memória coletiva, pois possui, como toda a literatura, um caráter midiático, de tal sorte que assume, ainda, por seu turno, função essencial na formação e na transformação das memórias coletivas de uma determinada sociedade. Analisar como a literatura desempenha o papel de mídia da memória em culturas históricas contribui tanto para os estudos da memória quanto para a compreensão do sistema simbólico da literatura.

### *Asp'ros da vida jagunça e alimentação*

Quanto à realidade poeticamente criada pelo autor, os alimentos, objeto específico de nossa análise calcada na memória, referenciados ao longo das páginas do romance, ajudam-nos a antecipar as balizas narrativas em que se dá o processo de rememoração da personagem. Significativos, convertem-se, ainda, em verdadeira sinestesia gustativa da memória coletiva, capaz de oferecer ao leitor um mapeamento bastante preciso dos processos sociais do sertão mineiro ao evidenciar contradições sociais e a difícil convivência entre o moderno e o arcaico, entre o Estado de Direito e o *asp'ro* da vida jagunça e dos potentados locais, narrada, aliás, de dentro, “através da consciência de um dos próprios agentes da brutalidade” (CANDIDO, 1970, p. 133).

Recordar a fartura da juventude na época do São Gregório é transportar o velho Riobaldo, proprietário e herdeiro do padrinho Selorico Mendes, aos tempos da Casa Grande e da juventude no Curralinho, sob os cuidados de mestre Lucas e de Rosa'uarda, a filha do comerciante de origem árabe, *seo Assis Wababa* – cujo nome, *Azis*, já aparece assimilado ao sobrenome luso-brasileiro:

[...] diversas vezes me convidou para almoçar em mesa. O que apreciei – carne moída com semente de trigo, outros guisados, recheio bom em abobrinha ou em folha de uva, e aquela moda de azedar o quiabo – supimpas iguarias. Os doces, também. Estimei seo Assis Wababa. [...] Assim mesmo afirmo que a Rosa'uarda gostou de mim, me ensinou as primeiras bandalheiras, e as completas, que juntos fizemos, no fundo do quintal, num esconso, fiz com muito anseio e deleite. Sempre me dizia uns carinhos turcos, e me chamava de: – “Meus olhos.” Mas os dela era que brilhavam exaltados, e extraordinários pretos, duma formosura mesmo singular. Toda a vida gostei demais de estrangeiros. (ROSA, 2001, p. 130-131)

As memórias do Curralinho, para onde fora enviado o jovem Riobaldo, a mando do padrinho, a fim de que frequentasse a escola de Mestre Lucas, são introduzidas pelas vivas lembranças que tinha da família do rico comerciante seo Assis Wababa, que recebera o garoto em virtude do parentesco com Selorico Mendes. As iguarias e os doces estrangeiros que tanto apreciara na juventude à mesa do comerciante são fundamentais, pois fazem o narrador rememorar seus amores com Rosa'uarda: por analogia, o exotismo sensual e

doçura da comida – novidades ao paladar da personagem – são análogos às “primeiras bandalheiras, e as completas” que a filha do comerciante lhe revelara no fundo do quintal, novidades que, da mesma maneira que as iguarias *turcas*, Riobaldo apreciara com igual “anseio e deleite” – note-se aqui que os substantivos associados ao prazer erótico pertencem ao mesmo campo semântico da alimentação. A memória gustativa, aqui, bem como os sentimentos capazes de despertar são responsáveis por desencavar, nas sombras frequentemente indistintas do passado, as mais vivas lembranças do narrador-personagem<sup>7</sup>. O alimento, no exemplo mencionado, exerce o papel de mediador do processo de rememoração do jagunço Riobaldo, uma vez que se conjuga organicamente à sofisticada, e muitas vezes labiríntica, sintaxe narrativa de Guimarães Rosa.

Contrariamente, é possível também que a menção ao alimento, em Rosa, parta da memória individual tão-somente para conjugar-se e remeter à memória coletiva dos atores sociais (HALBWACHS, 2006, p.39). Nesse caso, a comida – por causa das determinantes históricas associadas aos ingredientes e aos modos de preparo – ajuda a teatralizar a hierarquia social, as preparações e ingredientes são produtos reveladores da cultura material, bem como dos meios de produção agrários, próprios das estruturas herdadas do sistema do grande latifúndio, revelando contradições sociais e a convivência difícil entre o moderno e o arcaico no sertão mineiro:

[...] ele veio ao Currálinho, me ver – na verdade, também, ele aproveitava para tratar de vender bois e mais outros negócios – e trazia para mim caixetas de doce de burití ou de araticúm, requeijão e marmeladas. Cada mês de novembro, mandava me buscar. Nunca ralhou comigo, e me dava de tudo. Mas eu nunca pedi coisa nenhuma a ele. [...] Acabei, por razão outra, fugindo do São Gregório, o senhor vai ver. Nunca mais vi meu padrinho. Mas por isso ele não me desejou mal; nem entendo. Decerto, ficou entusiasmado, quando teve notícias de que eu era o jagunço. E me deixou por herdeiro, em folha de testamento [...]. (ROSA, 2001, p. 131)

A passagem acima, também lembrança da juventude de Riobaldo, menciona os presentes que Selorico Mendes levava ao afilhado sempre que o visitava em Currálinho – “caixetas de doce de burití ou de araticúm, requeijão e marmeladas” –, doce e queijo muito provavelmente de produção própria, oriundas do São Gregório.

As origens da cultura do doce no Brasil, como se sabe, tem fortes raízes no passado colonial, na cultura do grande latifúndio e do engenho, e seus processos de produção sintetizam, em sua especificidade, as particularidades históricas da América Portuguesa (Cf. PINTO E SILVA, 2005, p. 47; SPIX, MARTIUS, 1938, p. 276). Mas também, na narrativa de Riobaldo, relacionam-se ao *contexto social* de potentados locais que empregavam a força coercitiva do jagunço como modo de dominação e influência política: os doces “colorem” o quadro das contradições sociais, pautadas, no campo, pela incerteza, pela violência de agentes políticos – inclusive do próprio Estado (Cf. BOLLE, 2004, p. 91) – e pela fome. A

<sup>7</sup> Nesse sentido, o alimento é verdadeiro lugar de memória ou “sequências de percepções” por meio do qual podemos revisitar o passado, resgatar uma lembrança (HALBWACHS, 2006, p. 53).

lembrança do jagunço Riobaldo, em virtude da fartura da fazenda do padrinho, opõe-se diretamente às condições precárias de vida daquele que “moi no asp’ro”. Ainda mais se levarmos em consideração que a passagem citada do romance é imediatamente anterior à chegada dos homens de Joca Ramiro à fazenda de Selorico Mendes: a visão do chefe jagunço, já quase uma lenda do sertão, acompanhado de grande número de homens, armas e cavalos, impressiona o jovem Riobaldo, fato este que motiva, na narrativa, sua conseqüente fuga da fazenda, para juntar-se, depois, às forças de Zé Bebelo. São estes os sucessos que o levarão a ser “o jagunço”, como há pouco expôs o narrador.

Ricoeur considera que a memória, enquanto rememoração, tem um valor cognitivo, denominando esse processo de reconhecer como o “pequeno milagre do reconhecimento” por meio do qual “sentimos que algo se passou, que algo aconteceu, nos implicou como agentes, como pacientes, como testemunhas” (RICOEUR, 2007, p. 20). O alimento, a partir de sua materialidade, portanto, torna possível a rememoração e esse reconhecimento – essa espécie de *anagnórisis* gustativa – que se converte no “pequeno milagre” de Ricoeur, pois permite a Riobaldo reconhecer-se sujeito da experiência passada: o percebido é, no romance, evocado na experiência narrativa mediado pelo alimento tornando viva sua relação com o passado. Exemplo interessante desse reconhecimento é o episódio precedente acerca de Rosa’uarda e de seo Assis Wababa. Ora, a suculência e beleza exótica das iguarias do velho comerciante, bem como dos doces, possuem profunda analogia com a cena subsequente, a das primeiras relações sexuais de Riobaldo: a fruição propriamente gustativa relaciona-se, em chave sinestésica, com as cenas da alcova, quando a personagem se vê agente da experiência pretérita, experiência de vida. O reconhecimento é uma experiência que traz a certeza da presença real da ausência. É por isso que Ricoeur considera a história tanto como narrativa no seu formato historiográfico, como narrativa ficcional, pois ela diz respeito ao homem.

A alimentação e a comensalidade, elevados à categoria de “pequeno milagre do reconhecimento”, fazem Riobaldo acionar lembranças do *asp’ro* da vida sertaneja, o sistema Jagunço e toda a estratificação social daquela sociedade que podem ser analisados por meio das práticas alimentares e, inclusive, pela escassez do alimento.

Um dos exemplos mais violentos da narrativa ocorre durante a tentativa fracassada de travessia do Liso do Sussuarão, no momento em que os burros fugiram com a carga de mantimentos e homens e cavalos morrem. O episódio que se segue à escassez do alimento e às suas conseqüências é, por assim dizer, a *cena* antropofágica do romance, quando o alimento, ou melhor, a falta dele, foi constante na vida daquele grupo. O canibalismo surge da fome, de alucinações causadas por ela; a fome parece aflorar mais a violência do grupo em relação ao estado animalesco/bárbaro:

[...] Com outros nossos padecimentos, os homens tramavam zuretados de fome – caça não achávamos – até que tombaram à bala um macaco vultoso, destrincharam, quartearam e estavam comendo. Provei. Diadorim não chegou a provar. Por quanto juro ao senhor – enquanto estavam ainda mais assando, e manducando, se soube, o corpudo não era bugio não, não achavam o rabo. Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves! Mãe dele veio de aviso, chorando e explicando: era

criatura de Deus, que nu por falta de roupa... Isto é, tanto não, pois ela mesma ainda estava vestida com uns trapos; mas o filho também escapulia assim pelos matos, por da cabeça prejudicado[...]. (ROSA, 2001, p. 71)

O canibalismo é causado pelo desespero, os homens só perceberam que o “bugio” era um ser humano após o mesmo ser cozido e comido. Na narrativa, a desumanização causada pela vida jagunça levou aqueles homens a comerem José Alves, os jagunços em seu estado animal e instintivo da necessidade. No “mundo civilizado”, o canibalismo aproxima o homem dos animais de uma forma negativa, estreitando o elo dos homens com o bárbaro – civilização *versus* barbárie.

A cena do canibalismo, somada à dimensão de absoluta ausência da civilização, representada pelo Liso do Sussuarão, constitui imagem poderosa da barbárie e da desumanização do jagunço – incapaz, aliás, de reconhecer o humano, ainda que a fome desempenhe aqui espécie de cegueira temporária, que de certo modo serve de atenuante ao crime perpetrado pelos homens de Medeiro Vaz. O canibalismo, em sua cena quase “crua” de incivilidade, representa em cores vivas o *asp’ro* da vida e da jagunçagem em sua dimensão mais violenta. Ela, por outro lado, se opõe à ideia de conforto e boa comida frequentemente referidas por Riobaldo em suas reflexões, como é o caso dos apontamentos do velho jagunço acerca das ternas lembranças que nutria de Emílio Wusp, o Sêo “Vupes”, o alemão vendedor de ferramentas que ele conheceu em curralinho e após alguns anos seguiu viagem rumo à cidade São Francisco. A cozinha do Vupes, além de engenhosa, tinha como base guisados, cozido úmido em contraposição à alimentação seca:

[...] O Vupes vivia o regulado miúdo, e para tudo tinha sangue-frio. O senhor imagine: parecia que não se mealhava nada, mas ele pegava uma coisa aqui, outra coisinha ali, outra acolá - uma moranga, uns ovos, grelos de bambú, umas ervas - e, depois, quando se topava com uma casa mais melhorzinha, ele encomendava pago um jantar ou almoço, pratos diversos, farto real, ele mesmo ensinava o guisar, tudo virava iguarias! Assim no sertão, e ele formava conforto, o que queria. (ROSA, 2001, p. 88)

Riobaldo tem como uma das poucas lembranças de sua mãe sua herança. A Bigrí deixou para ele apenas “miserinhas”, que podem ser lidas como registro material dos utensílios e da descrição do espaço em sua simplicidade, bem como do espaço da mulher naquela sociedade, restrita à cozinha e aos afazeres domésticos.

[...] Ela morreu, como a minha vida mudou para uma segunda parte. Amanheci mais. De herdado, fiquei com aquelas miserinhas – miséria quase inocente – que não podia fazer questão: lá larguei a outros o pote, a bacia, as esteiras, panela, chocolateira, uma caçarola bicuda e um alguidar; somente peguei minha rede, uma imagem de santo de pau, um caneco-de-asa pintado de flores, uma fivela grande com ornados, um cobertor de baeta e minha muda de roupa. (ROSA, 2001, p. 127)

A descrição da herança traça um verdadeiro panorama daquele ambiente e da constituição da cultura material do espaço, a esteira como um resquício da tradição indígena, usada dentre outros fins para peneirar e lavar a mandioca depois de ralada, a chocolateira de cobre, conhecida também como *circulateira*, uma espécie de bule muito utilizado por tropeiros, a rede e o alguidar de barro também como artefato de origem ameríndia (CAS-CUDO, 2004, p.119). A casa é bem simples, o ambiente doméstico enquadra a vida cotidiana dos homens livres e pobres que habitavam o sertão no período pós-colonial.

Para Astrid Erll, os textos literários “constroem uma arquitetura da memória, na qual depositam imagens mnemônicas baseadas nos procedimentos de *ars memoriae*” (ERLL, 2005, p.33). Deste modo, como afirma Renate Lachmann, a literatura demonstra estar entrelaçada com a memória e a cultura de diversas maneiras, é uma “mnemonic art *par excellence*”, pois fornece a memória para a cultura e registra tal memória – é em si mesma um ato de memória – pois se inscreve em um espaço da memória no qual os textos anteriores são gradativamente absorvidos e transformados (ERLL, NÜNNING, 2005, p. 301).

A escrita, bem como a literatura, é mídia de memória, conforme afirma Aleida Assmann, em *Espaços da Recordação* (2011). A abordagem da autora a respeito das formas e das transformações da memória cultural põe em evidência que a escrita sobrevive, evita o esquecimento e permanece inalterada – a literatura, assim, se transforma em lugar de memória e reativa recordações: em Guimarães, a alimentação funciona tanto como lugar de memória, parte do inventário de representação cultural, quanto como instrumento de rememoração.

Nesse sentido, a jacuba, em virtude de sua alta concentração imagética e, ao mesmo tempo, mnemônica, pode ser entendida, no romance de Rosa, como verdadeira alegoria: desempenha o papel de arcabouço – e, ao mesmo tempo, dispositivo de rememoração, como outros índices, do qual tratamos aqui – para a construção da narrativa riobaldiana.

Finalizemos com o próprio jagunço, a lembrar das jacubas, testemunho quer do passado “redivivo” pelas nuances sinestésicas dos sabores, quer do contexto jagunço em cujo espaço a jacuba se constituía espécie de “ingrediente” da comensalidade, entre companheiros de armas:

[...] Por tudo, eram fogueiras de se cozinhar, fumaça de alecrim, panela em gancho de mariquita, e cheiro bom de carne no espeto, torrada se assando, e batatas e mandiocas, sempre quentes no soborrvalho. A farinha e rapadura! quantidades. As mantas de carne-ceará. Ao tanto que a carne-de-sol não faltasse, mesmo amiúde ainda saíam alguns e retornavam tocando uma rês, que repartiam. Muitos misturavam a jacuba pingando no coité um dedo de aguardente, eu nunca tinha avistado ninguém provar jacuba assim feita. Os usares! A ver, como o Fafafa abria uma cova quadrada no chão, ajuntava ali brasas grandes, direto no brasal mal-assasse pedaço de carne escorrendo sangue, pouco e pouco revirava com a ponta do facão, só pelo chiar. Disso, definitivo não gostei. A saudade minha maior era de uma comidinha guisada! um frango com quiabo e abóbora-d'água e caldo, um refogado de carurú com ofa de angú. Senti padecida falta do São Gregório. (ROSA, 2001, p. 184)

A passagem, muito ilustrativa, concentra muito do que aqui tratamos. Não somente a comida, o alimento em si, mas também a rede de sociabilidades formada em torno do alimento e seu preparo, retratada com precisão por Rosa – aspecto de seus fumos de naturalista do século XIX –, constroem um retrato preciso da vida, no comum, da jagunçagem; porém, “lugar de memória” que é, o rito que permeia o preparo do alimento e seu consumo transporta a fala do velho jagunço aos tempos da abundância do São Gregório, como deixa entrever as lembranças da “comidinha guisada” provenientes das cozinhas da fazenda, base e herança das épocas coloniais, herança da península ibérica na América portuguesa: o guisado, pela referida abundância e conforto a que remete, opõe-se ao *asp’ro* da vida jagunça, repleta de carestias, representada pela comida seca, geralmente complementada pelas farinhas do sertão, como, por exemplo, se nota na também retratada jacuba. A jacuba, retratada também em outras obras de Rosa, é uma mistura, uma espécie de pirão preparado na caneca, feita com farinha de mandioca ou de milho, açúcar, mel ou rapadura, café e por vezes, como esboça o autor também é preparada com cachaça. No sertão de Rosa, assim como no real, a jacuba é a quebra de jejum, é a fonte de energia que conforta a alimentação do povo sertanejo.

Enveredarmo-nos pela análise das referências alimentares no romance de Rosa contribui para o caráter naturalmente transdisciplinar da literatura que, como afirma Roland Barthes, constitui-se um monumento cultural capaz de abranger todas as áreas do saber humano, pois o discurso literário promove e possibilita a comunicação com os demais discursos (BARTHES, 1997, p. 89).

No presente artigo, esperamos que tenha sido possível perceber o modo como a alimentação não tem a função meramente complementar, ornato dos quadros construídos pelo autor. A alimentação, bem como os elementos a ela relacionados, como os ritos de comensalidade e as cenas de preparo dos alimentos, imiscui-se na tessitura mesma do romance, ora como mediador da memória (verdadeiro “lugar”), em tensão permanente entre o individual e coletivo, ora como representação social e histórica do sertão jagunço, importante para a compreensão dos papéis sociais desempenhados pelas personagens no interior do “sistema jagunço” e do contexto dos potentados locais.

Ademais, a alimentação no romance, tomando como referência o convívio estreito de Rosa nas boiadas do sertão, em suas pesquisas incessantes que, como se sabe, tanto contribuíram para a prosa do autor, é índice fundamental de cultura material, responsável, de um lado, pela construção das identidades locais que, como “cápsulas do tempo”, são capazes de trazer as marcas de um passado que se torna redivivo a cada gole de cachaça, a cada manta partida de carne de sol, a cada jacuba, repleta de café e farinha; e de outro, convertidas em parte do jogo ficcional, por potencializar as tensões e ambiguidades entre realidade e ficção, entre mito e história, entre humano e divino, entre universal e particular em Guimarães Rosa.

## Referências Bibliográficas

- AGNOLON, A. *A Festa de Saturno*. São Paulo: EDUSP, 2017.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Unicamp, 2011.
- AULER, Isabel Cristina Fernandes. *Rememoração e mimesis sob o viés teórico de Paul Ricoeur e Luiz Costa Lima*. Disponível em: <<http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/view/961>>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BOLLE, Willi. *Grandesertão.br*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CANDIDO, Antonio. *O homem dos avessos*. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- \_\_\_\_\_. “Jagunços Mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- CASCUDO, L. C. (Org.). *Antologia da Alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed. S.A., 1977.
- \_\_\_\_\_. *História da Alimentação no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.
- ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar. “Where literature and memory meet: towards a systematic approach to the concepts of memory used in literary studies”. In: GRABES, Herbert (Org.). *Literature, literary history, and cultural memory*. Yearbook of Research in English and American Literature 21. Tübingen: Gunter Narr Verlag Tübingen, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.
- HANSEN, João Adolfo. *O “O” - a ficção da literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Hedra, 2000.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural I*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naif, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O Cru e o Cozido: Mitológicas I*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naif, 2010.
- MONTANARI, Massimo. *Comida como Cultura*. Trad. Letícia Martins de Andrade. São Paulo: SENAC, 2008.
- NEUMANN, Birgit. *The Literary Representation of Memory*. In: ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Org.) *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2008.
- NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares”. Trad. Yara Aun Khoury. *Projeto História*. São Paulo, n.10, dez/1993.
- PEIXINHO, Ana Teresa. *Estética alimentar queirosiana: notas gastronômicas na obra de Eça de Queirós*. Coimbra, 2016. Disponível em: <<https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/>>

[estética\\_alimentar\\_queirosiana\\_notas\\_gastronómicas\\_na\\_obra\\_de\\_eça\\_de\\_queirós](#)>.

Acesso em: 20 mar. 2017.

PINTO E SILVA, Paula. *Farinha, Feijão e Carne Seca*. São Paulo: SENAC, 2005.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Trad. Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989.

RICOEUR, Paul. *A memória. A história. O esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Recebido em: 31/03/2017

Aceito em: 14/05/2017

**Referência eletrônica:** SILVA ARAÚJO, Aline Macedo. À mesa com Tatarana: a alimentação como marca da memória em *Grande Sertão: Veredas*. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 18, p. 170–183, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd/mm/aaaa.